





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, L. A. P.

Este livro não é sobre como se tornar o bom  
preto / L. A. P. Santos. -- Guarapari, ES : Ed. do  
Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-74647-1

1. Escravidão - Brasil - História 2. Etnografia -  
Brasil 3. História do Brasil 4. Relações  
étnico-raciais 5. Resistência I. Título.

23-164247

CDD-981.04

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Escravidão : Brasil : História 981.04

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



ESTE LIVRO NÃO É SOBRE

COMO SE TORNAR  
**O BOM PRETO**

**LAPSANTOS**

## **FICHA TÉCNICA**

### **Pesquisa e Organização**

Me Luis Augusto P. Santos

Dr Luis Ortiz Gimenez

Me Maria Roselita Farias Ferreira

Esp. Patrícia Helena Sciarretta

### **Revisão de Texto e Copidesque**

Sheila Mendonça

### **Projeto Gráfico e Capa**

Ana Júlia Souza

Lívia Amaral

### **Apoio**

Lucas Prates

Vanderluci de Oliveira

## **AGRADECIMENTOS**

O grande mérito da produção deste livro é da minha família, que sempre participou da minha jornada acadêmica, em especial à minha irmã Patrícia Helena Sciarretta, que sempre acreditou no meu potencial e me inspirou na superação da maioria dos desafios de mestrando. Aproveito também para agradecer ao Professor Doutor Luis Ortiz Gimenez da Universidade de Haen, Espanha, que me assistiu na seleção e organização das fontes documentais, com muita paciência e presença de espírito.

Aos meus queridos alunos que, uma vez fragilizados pelos desafios do mundo, me procuraram ano após ano em busca de um pouco de alento e terminaram por me encorajar a buscar novas formas de ser, de fazer e de me manifestar, renovando dia após dia a minha fé em Deus e em nossa frágil humanidade.

## AO LEITOR

O assunto principal deste livro foi objeto de uma extensa pesquisa etnográfica documental para uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação apresentada à Universidade Autônoma de Assunção e posteriormente à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Embora a “Ideologia da Competência” seja uma definição bastante nova no Brasil, o fenômeno ao qual o termo se refere não é novo e seus reflexos nas relações sociais dos diversos grupos étnicos que compõem o povo brasileiro podem ser sentidos em todas as dimensões da nossa vida social.

Para corroborar com esta e outras afirmações que virão ao longo deste livro será preciso voltar o olhar para o passado, para o Brasil do século XIX, que ainda era escravocrata e como é de conhecimento público já apresentava os primeiros sinais da miscigenação étnica.

Supõe-se que naquele período a educação profissional, por exemplo, que era denominada instrução para o *offício* tenha sido uma das mais importantes ferramentas de dominação nas

escravarias, principalmente naquelas mais próximas da capital da província.

À medida que as pesquisas em torno da forma como a educação pública foi oferecida aos residentes livres no Brasil do século anteriormente citado vão avançando, cada vez mais faz sentido a ideia de que “a falência gradual da educação brasileira, ao longo dos séculos, é um projeto levado a cabo de um extremo a outro do nosso país”.

O fato é que, embora o discurso em torno da educação seja nobre, não tem como uma degradação dessa magnitude ser obra do mero acaso, afinal o mercado não se movimenta considerando o fator sorte, e se falando de economia, tudo é regido pela lógica mercantil.

Não há dúvidas de que você chegou até aqui, caro leitor, atraído pelo título deste livro. Um volume que a primeira vista propõe que exista uma maneira de alguém se tornar um sujeito social bem específico, no caso “um bom preto”.

Então, para facilitar o seu entendimento, a seguir te serão oferecidas três perguntas para acompanhá-lo durante sua leitura, como um pequeno e ruidoso sino em sua mente, apenas com o intuito de provocar-lhe diversas reflexões. Lembre-se que as

perguntas a seguir serão em verdade mais importantes que as suas respostas, se é que você as tem.

Ao longo da pesquisa, me questionei diversas vezes se o ensino público continua ou não alinhado a princípios emancipadores, e você, o que acha? Que tipo de ser social, ao longo dos anos, resultaria dos processos iniciados por esta educação que é oferecida hoje aos mais jovens?

A maioria das pessoas ainda não se deu conta de que sua livre expressão sempre esteve ameaçada. Sua liberdade de pensar e agir baseados nos princípios de fraternidade, igualdade e liberdade há anos correm sérios riscos. No entanto, o detalhe mais assustador é que tudo está à mostra de toda gente, nada, absolutamente nada, está realmente escondido.

Toda a verdade está apenas mascarada pelas novas formas de se produzir e consumir informação. E é exatamente aí que encontramos a última pergunta que, como as anteriores, é apenas uma reflexão. Pergunte para si o mais rápido e da forma mais sincera que puder: que tipo de preto eu sou?

Boa leitura!

# CAPÍTULO 1

## As Fontes

Acredito que toda narrativa, inclusive as que estão presentes neste volume, normalmente se inspiram na realidade e tem como base fatos e documentos. Os documentos usados para a produção deste livro foram cuidadosamente organizados e a história quase totalmente reconstruída para facilitar sua imersão no universo das escravarias capixabas em todos os seus aspectos.

No livro de óbito dos escravos, para se ilustrar melhor essa questão, os assentamentos mostram que centenas de escravos receberam os sacramentos *post mortem* como indivíduos possuidores de uma alma imortal. Em um único volume, por exemplo, estão registrados 523 indivíduos em condição de escravos trazendo, inclusive, diversas informações sobre seus parentescos, filiação, nacionalidade e origem.

A Igreja Romana surge nas fontes documentais em uma dicotômica imagem; ora reconhece a suposta legitimidade da escravidão dos negros africanos e indígenas como parte de uma obra de civilização/cristianização, quase divina, ora reconhecendo

a sua humanidade, quando de sua morte por meio dos serviços religiosos que lhes eram oferecidos.

Estas e muitas outras informações estão disponíveis nos relatórios provinciais do século XIX; nos inventários *post mortem* produzidos na capital da província no mesmo século; nos livros de óbitos/casamentos de escravos da Arquidiocese de Vitória, nos recibos de compra/venda de escravos nas cidades de Vitória e Guarapari, nos relatos de viajantes estrangeiros em visita ao país naquele período e proclames dos principais jornais que circulavam no Brasil na época.

Todos estes documentos mencionados no parágrafo anterior e quaisquer outras fontes que apoiaram este estudo estão em formato impresso à disposição de estudantes e pesquisadores na sede do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, nos arquivos da Cúria Metropolitana de Vitória e na Internet, em formato digital na posse do autor deste livro.

Segundo os relatórios provinciais o cerne da questão escrava estaria na maneira como os senhores de engenho possivelmente conseguiram com tanta eficiência dominar um contingente escravizado tão numeroso no nosso território.

Segundo os presidentes de província a sociedade capixaba estava dividida naquele tempo em dois grandes grupos sociais,

estando os instruídos em um extremo e os ignorantes de toda sorte no outro, sendo todas as mazelas sociais oriundas da existência dos segundos.

Estes indivíduos defendiam que conscientemente os ignorantes tendem a minar os esforços dos instruídos em tornar o mundo um lugar melhor, inclusive inventando mentiras e meias verdades sobre sua condição.

Esta ideia, defendida por eles, não é de todo fantasiosa, pois sempre existirão no mundo aqueles dispostos a aproveitar-se de situações-problemas e de pessoas para obterem algum tipo de vantagem. No entanto, é fato inegável que de longe a sociedade brasileira é igualitária na distribuição dos seus patrimônios e riquezas, principalmente em se tratando da população negra ou de seus descendentes.

Homens e mulheres de tez negra crescem no Brasil acreditando que o uso de termos como o “bom preto”, “negro de alma branca”, “você não é negra, é mulata” e “você é mulata tipo exportação” não produzem ecos em suas almas. A verdade é que enormes são os desafios de se falar abertamente sobre este assunto, até mesmo com pessoas próximas de nós.

O uso desses termos não é algo novo e causa um estranho mal-estar. Na maioria das vezes aquele que é alvo nem entende

bem o motivo, mas sente que de alguma forma seu uso afronta sua dignidade humana e envenena seu coração, principalmente se for uma mulher.

Considerando ainda o fato de que o uso destes termos se faz desde sempre que acabamos por entendê-los como parte de nós, até mesmo como parte da nossa cultura.

Paulatinamente estes se tornam parte de um conjunto de práticas culturais com as quais nos acostumamos e somos levados a normalizar, gostemos disso ou não.

Nascer mulher negra, por exemplo, é uma condição indiscutível, no entanto, a ideia de sentir-se “indigna” por nascer nesta condição é uma construção e, assim sendo, pode e deve ser desconstruída.

As fontes documentais abalam as bases históricas e sociais de nossas certezas, as bases das “verdades históricas”, na esperança de despertar em cada leitor uma curiosidade legítima sobre si e suas escolhas, e inicie sua busca pessoal por crescimento individual e liberdade.

*“Eles nos idolatram, nos amam, desde que cantemos, desde que sejamos velozes; desde que sejamos engraçados. Quando começamos a nos conscientizar e expressar nossa vontade e lutar por uma liberdade real, a admiração acaba.”*

## CAPÍTULO 2

### A Marca do Cativo

A marca do cativo não deve ser entendida neste volume como um sinal gráfico ou físico, e sim um conjunto de valores socioculturais repletos de significados, construídos dia após dia na mente dos sujeitos escravizados com o intuito de tornar a escravidão uma parte inseparável deles, agindo diretamente em sua subjetividade.

No período escravocrata da história do Brasil, os sujeitos que eram tratados e definidos pelos brancos como “o bom preto” eram somente aqueles cuja marca indelével da escravidão já estava concretizada no seu ser.

Totalmente expressa em suas relações sociais e diferentemente do que pensamos hoje, esta marca foi construída e terminou por ser considerada pelos negros escravizados uma virtude a ser buscada continuamente.

Os processos dos quais os sujeitos escravizados foram vítimas podem ser considerados um ataque a sua condição humana, por inúmeros motivos.